

## CONTO

### O LOBO

*Por Nathalie Lourenço*

Eu sonhei que o mundo acabava e eu corria pelas ruas procurando você.

A neblina ia comendo o bairro, corroendo tudo e pessoas sem rosto me davam pacotes amarrados com barbante para te entregar mas não sabiam nada de você. Eu corria como se minhas pernas fossem de lata e estivessem prestes a desparafusar, e a calçada debaixo de mim sumia e eu acordei quase sem respirar.

Levanto devagarinho e calço os chinelos apesar do verão. Aos 76 anos, o chão é sempre frio. Fecho o robe por cima da camisola. São 3 da manhã, e meu corpo me acorda pontualmente para o xixi da madrugada, a vontade aumentando com o barulho da chuva. A mesma rotina de sempre: o xixi no escuro, sem acender as luzes, para não espantar o sono. Para não ver o meu rosto no espelho, só olhos e rugas, um enxame branco circulando a cabeça e nada mais. Os olhos são a única parte que não envelhece.

Arrasto os pés até a cozinha, para encher um copo d'água na torneira. A chuva lá fora se bate contra a minha casa. O vento entrando como gilete por cada ranhura, teimoso, molhado. É o lobo querendo entrar. A goteira aumentou e a água traz lama por debaixo da porta. O lobo. Amanhã vou pedir para o filho da Edna tapar.

Já estou a meio caminho da cama quando o barulho vem chegando, e os ângulos da casa mudam por um segundo. Antes de se

desfazer.

Água e lama e pedaços, a madeira, os tijolos, os canos, os ossos antigos da casa que você construiu pra mim. O cheiro de barro e mato se enfia por algum buraco. Tento me mexer mas dói. Uma viga me descadeirou. E eu que achei que ia morrer de escorregão no chuveiro. E eu que achei que ia morrer dormindo, quando a neblina finalmente passasse por mim. Não. Vou morrer de burra. Quero gritar:

- Você é burra, Emília! Você é burra demais!

Mas tenho medo de sair agudo como a voz de quem chora, por isso falo baixinho pra mim da minha grande burreza. O homem da prancheta veio avisar, Bom Dia, Defesa Civil. Você Tem Onde Ir Minha Senhora? Essa Área É Sujeita a Deslizamentos. Eu achei engraçado até. Cinquenta anos morando no mesmo lugar, com chuva ou sem. E agora o homem vem avisar, mandar eu sair, como se a casa que você construiu com tijolo e as mãos fosse coisa que água pudesse derrubar.

É engraçado agora, Emília? Essa perna que já não servia pra muita coisa e que agora nem mexe, tem graça? O robe gelado e as telhas quebradas, têm graça? Mas ir pra onde, diz, Emília? Pra casa de quem?

Eu nem sei se minha irmã é viva. A última coisa que eu falei pra ela foi Boa Noite, Amélia, pra não dar pinta. Minha malinha estava pronta, debaixo da cama. O papai ouvia rádio no escritório. Meu coração batia tão forte que eu tinha medo que o pai ouvisse. E se ele me pegasse ia curtir meu couro, me trancar no quarto e pior, berrar até dar pra ver o vermelho da garganta. Mas o rádio afogou minha agitação e eu tranquei o ferrolho e tirei a camisola que escondia minhas

roupas, e você me esperava debaixo da janela, Álvaro, tirou o peso da mala da minha mão e me levou para a casa da sua tia em São Paulo. A chuva parou, mas as tábuas e telhas ainda filtram as últimas gotas. Queria saber se a Edna está bem. Talvez a casa dela esteja de pé, e o Lélío e o Lúcio venham para levantar essa viga. Eu bem queria tomar uma xícara de chá. Dessa vez eu consigo gritar mas ninguém responde. Talvez a casa dela esteja como a minha, um jogo de pega-vareta no escuro. Grito de novo. Silêncio. Talvez eles durmam com o rádio ligado.

Me sinto abraçada pela madeira. Esse batente que você se encostava pra fumar o seu cigarro de lei, me vendo cozinhar, e eu bem de olho pra te dar uma com a colher de pau, na hora que você viesse roubar das panelas - toda vez, sem falta. Era na cozinha que a gente sempre começava, você tirando a colher da minha mão e me rendendo com beijos, me empurrando pé-com-pé até o batente, você, a madeira e eu.

A filha do tenente que fugiu pra casar com o pedreiro. Por muitos anos eu fiquei imaginando o dia seguinte, quanto demoraram pra dar pela minha falta, se arrombaram a porta trancada com a chave dentro. Se o pai chorou ou gritou. Se deu desgosto pra mãe, se a vizinhança me chamava de Perdida. Uns vinte anos depois encontrei uma vizinha . Ela jurou que o pai pôs prêmio na tua cabeça, teve cartaz e tudo. O pai queria te matar. Mas a gente viveu.

Os pássaros começaram a chiar. Deve faltar só uma hora para amanhecer, Álvaro. O carteiro vai ver que onde tinha casa aqui, não tem mais. Alguém vai vir me procurar. Não é culpa da casa. Eu tenho certeza que ela se mantinha de pé por vontade própria há anos. Só de memória empilhada uma na outra. Já já vai amanhecer, e o doutor

vai dizer que esse latejar no pé não é nada, e os filhos da Edna vão me ajudar a levantar as vigas e achar o álbum de fotos e as coisas do Nelson bebê.

Eu tenho tudo em um armário, as suas roupas, suas revistas amareladas, os brinquedos do Nelson, os sapatos que ele usava no dia em que morreu. Teu envelope de exames médicos com o buraco negro no pulmão. A bolinha de barulho agudo da cachorra Ditinha. Fuim! fuim! Fuim! Era uma cachorra boa.

É um armário, mas podia ser um cemitério.

A noite acinzentou, e a cidade começa a fazer barulho. Eu vou sair daqui, levar suas coisas pra outro armário. Não vai ser a casa, Álvaro. Eu grito. Eu grito mais. Ouço uma voz de menino Tem Alguém Aí? Ouço a sirene dos bombeiros, e as tábuas vão saindo, os tijolos, os canos, os fios, nada na ordem que você montou. Uma vida que a lama levou. Eu sinto o sangue voltar para a perna como se fosse lava, grosso, quente, como se ela fosse se acender de vermelho.

O homem me levanta, e eu sinto que perdi meu chinelo. Ele pergunta A senhora Está Me Ouvindo? e eu respondo Não Foi a Casa, e ele me deita numa lona e me põe num carro branco que apita, e o carro apita e corre, e corre, mas eu deixo a neblina me alcançar.

---

NATHALIE LOURENÇO (SÃO PAULO) - Escritora e redatora publicitária. Teve textos publicados nas revistas Parênteses e Vacatussa, e na coletânea Edifício Marquês de Sade (Editora Valer). Escreve, ainda que raramente, no blog [sabedoriaimprovisio.wordpress.com](http://sabedoriaimprovisio.wordpress.com)